

Fotografia: a magia da imagem

Ademilde Silveira Sartori*

Resumo: O presente artigo trata, basicamente, sobre a oficina de fotografia desenvolvida pelo NAT – CED/UFSC. Descreve aspectos relativos ao seu encaminhamento e às diversas possibilidades de construção coletiva dos saberes e das obras nela envolvidos. Construindo máquinas fotográficas com tubos de papelão ou latas de refrigerante e revelando as fotos em salas escurecidas, as pessoas que participam dessa oficina vivenciam todo o processo de captação e fixação da imagem. Conhecendo o processo como um todo, o fazer se torna saber fazer. Quebram-se hierarquias de todos os tipos e o seu caráter educativo coloca em cheque o ensino escolar.

Abstract: The present article is about, basically, the photography workshop that has been developed by NAT – CED/UFSC. It describes aspects related to its guiding to the many possibilities of knowledges and workmanship collective construction that are involved in this workshop. The people that have participated on this workshop have experienced the whole image captivation and fixation process, building photographic cameras with cardboard tubes or softdrinks cans and developing the pictures in dark rooms. If one gets to know the process as a whole, the making becomes knowing how to make. It has broken hierarchies from all kinds and its educational character put on check the school teaching.

Unitermos: oficina de fotografia, processo fotográfico, ensino escolar

O trabalho com fotografia vem crescendo no NAT desde o início da década de 90. Iniciou com a intenção de trabalhar alguns princípios da ótica geométrica, no âmbito escolar. Como a paixão pela fotografia movia meus olhares, os limites dos recortes escolares foram sendo superados à medida que conviviam com a arte, a tecnologia e a história da fotografia, por um lado, e com pessoas que viviam/produziam oficinas por outro.

* Pesquisadora associada do Nat/CED/UFSC. Departamento de Metodologia do Ensino – DME/ UDESC

214 • Ademilde Silveira Sartori

Na época, pensava numa oficina que desmistificasse o funcionamento de um artefato bastante familiar, porém enigmático, para a maioria dos usuários. Quais os conhecimentos necessários para se entender o significado do “clic” para a geração de uma imagem “eterna”? Além dos princípios físicos, químicos e mecânicos, que outros tipos de saberes estariam envolvidos no ato de fotografar? O primeiro passo na busca de possíveis respostas foi o trabalho com câmaras escuras construídas com latas vazias, papel cartão preto e papel manteiga. Pregos e martelo eram ferramentas fundamentais.

A imagem sempre invertida nos indica a trajetória retilínea da luz, pois esta é a única explicação que obtemos para o fato do “pé virar cabeça” e da “direita virar esquerda”. Foi assim que vi muitas cabeças virarem de pernas para o ar ao verem o mundo de ponta-cabeça e ... colorido! Foi assim também que tudo em que acreditava sobre o mundo escolar, o ensino e a educação pareceu estar também invertido. Minha formação profissional estava invertida e não era colorida. Era invertida por que deixava a vida para depois, para a “aplicação”, para as “leituras complementares”, confundia tópicos fragmentados com conhecimento, informação com saber, educação com escolarização, perdendo toda gama possível de cores para o verde e branco do quadro-giz com o qual me ensinaram e com o qual ensinava.

A construção dessa oficina implicou estudos sobre a história da fotografia, maquinário, processos de revelação da película, estilos em arte fotográfica, enfim, tudo sobre a linguagem fotográfica, manuseio de técnicas para obtenção da fotografia; sobre aprender a ver a luz, as cores, a composição, a escolha do tema, o uso de filtros. E, nesses estudos, nenhuma fronteira entre arte, ciência, história, tecnologia e paixão se fez presente. Nessa trajetória, surge o entendimento de que o saber não é disciplinar, foi disciplinado.

A oficina se compôs de uma teia de conhecimentos que iam desde a utilização de lentes para obter melhores imagens, cuja função ia além do uso em lunetas por Galileu, até perpassar toda a arte renascentista que utilizava câmaras escuras para o desenho e para a pintura. A busca pela fixação da imagem era corrente e um desejo compartilhado entre desenhistas, militares, ceramistas e cientistas também. O artefato que “congela” a imagem surge de uma gama variada de interesses e de contribuições por vezes acidentais. A história da fotografia conta com nomes de quími-

Fotografia: a magia da imagem • 215

cos, físicos, ceramistas, anatomistas, médicos... Não seria de se estranhar que, para se compreender o ato fotográfico, saberes dessas áreas se encontrem envolvidos, implicados uns nos outros como elementos constitutivos e não justapostos como o ensino escolar nos faz crer.

Na oficina, está tudo “misturado”. A câmara escura fornece imagens invertidas e coloridas. Daí a trajetória retilínea da luz se esclarece junto com a caracterização de materiais opacos, translúcidos e transparentes; a inversão inerente da imagem leva a/depende da compreensão da função do orifício; o uso de lentes surge na sua real significação: melhoria na qualidade da imagem.

A partir da compreensão do papel da lente, é possível estudar a função dos sinais que indicam onde deve estar focada a máquina fotográfica. Agora aqueles bonequinhos e aquelas montanhas desenhadas no corpo da máquina são signos eficientes para quem vai tirar uma foto de pessoas próximas ou afastadas. Com lentes, podemos ainda aprender sobre campo de visão e profundidade de campo, relacionando abertura do diafragma, ângulo de visão, distância focal, velocidade do obturador, aproximação à cena, perspectiva.

Números que, em máquinas comuns, variam de 100 a 1000 passaram a informar algo e processos químicos se impõem com toda força. Qual a diferença entre filmes preto e branco e os coloridos? Como surgem as cores? Quais as substâncias químicas envolvidas no processo? O que é “Ph”? As cores em uma emulsão fotográfica são geradas da mesma forma que em uma tela de TV ou na impressão de revistas?

As perguntas surgem no próprio processo de construção das câmaras e revelação do papel fotográfico. As câmaras precisam ser construídas na proporção magna ou regra dos dois terços? E se colocássemos um espelho? E se fizéssemos dois ou três furos ao invés de apenas um? O que são substâncias ácidas e substâncias básicas? São possibilidades de pesquisa inesgotáveis e cada grupo que vive a oficina dá a sua interpretação, faz as suas próprias relações e vive seu processo de construção de conhecimento de maneira singular. Para tirar uma foto, grupos contam 1001, 1002, outros, como os professores de Córdoba, Argentina, contam elefantes!

Construindo máquinas fotográficas com tubos de papelão ou latas de refrigerante e revelando as fotos em salas escurecidas, as pessoas que participam dessa oficina vivenciam todo o processo de captação e

216 • Ademilde Silveira Sartori

fixação da imagem, do início ao fim. Sentem-se produtoras de algo. Conhecendo o processo como um todo, sabem como fazer uma fotografia, como produzi-la e levam consigo a obra de sua autoria. Se sabem fazedores. O fazer se torna saber fazer.

O fazer se dá do início ao fim do processo com cada participante construindo sua máquina fotográfica, tirando e revelando a sua fotografia. Tubos de papelão utilizados como embalagem de papel vegetal são cortados em pedaços de aproximadamente vinte centímetros, nos quais é feita uma abertura, uma espécie de janela, com estilete. Faz-se um furo com alfinete ou agulha num pedaço laminado retirado de latas de alimento em pó e com ele cobrimos a janela. Um pedaço de fita isolante de boa qualidade tapa o furo, fazendo o papel de obturador. Os lados do tubo são fechados com papel alumínio, sendo que em um deles se usa elástico de forma a ser facilmente manipulável no escuro quando o papel fotográfico é inserido para a exposição e retirado para a revelação.

Numa sala completamente escurecida, as pessoas inserem o papel fotográfico dentro do tubo, lacram a câmara fotográfica com o papel alumínio amarrado com elástico e esperam ansiosas até que a última esteja pronta. Conquistam a rua, buscam por uma cena, manipulam elementos compondo o quadro, expõem o papel fotográfico erguendo a fita-obturador, posam capturando imagens uma das outras. As imagens são carregadas com carinho para dentro do “laboratório”. Tudo escuro novamente. A obra da luz no papel recoberto com uma emulsão que contém sais de prata se mostra no escuro, quando aos poucos vemos surgir uma imagem mergulhada num líquido chamado revelador. Ao transformar os sais de prata em prata metálica, o revelador nos entrega a imagem que estava latente, escondida, e agora salta aos nossos olhos. Pura magia!

O espanto e o prazer sentidos são tão profundos, quase deixando passar despercebido algo de estranho nessa imagem que passa da bacia do revelador para outra com água, a qual faz o papel de interruptor, e ainda para outra com fixador. É uma imagem negativa, isto é, o que é escuro aparece claro e o que é claro aparece escuro. É necessário, então, obter a imagem positiva. Esta é obtida por contato. Colocamos o papel com a imagem negativa em cima, em contato com um papel fotográfico novo, não velado, lado da emulsão de um com lado da emulsão do outro. Firmamos o conjunto com uma placa de vidro, ligamos uma lâmpada por um lapso de tempo e repetimos o processo de revelação. Agora o resultado é

Fotografia: a magia da imagem • 217

uma imagem positiva. O que é claro aparece claro e o que é escuro aparece escuro. Os tons intermediários entre claro e escuro aparecem em tons de cinza. Falta apenas lavar, secar as fotos e...mostrá-las.

Ao final, às vezes um pouco de dor de cabeça causada pela disputa por oxigênio travada entre as pessoas e os químicos que dividem o espaço de trabalho, quando este é muito pequeno ou o número de pessoas é grande para o local onde estão sendo reveladas as fotografias. Porém, sempre há o prazer compartilhado pela construção coletiva dos saberes e das obras envolvidos nessa oficina. Todo o processo é compartilhado e as discussões ocorrem no momento em que são necessárias, por quaisquer pessoas que estejam participando da oficina, independente de idade, escolaridade, profissão, etc.

As discussões se dão dentro de um momento que está sendo vivido. Não se escreve num caderno o que são reveladores e fixadores como frases a serem decoradas em uma ou duas semanas, mas suas funções aparecem na razão mesma de sua presença no processo fotográfico. É necessário interromper a transformação dos sais de prata que foram expostos à luz em prata metálica, esta é a função da água. Mas os sais de prata que não reagiram com a luz precisam ser retirados para que não se vele todo o papel fotográfico e se perca a foto, para isso são usados os fixadores. Assim, a discussão e a troca de informações ocorre no momento em que os sujeitos envolvidos lhe atribuem razão de ser, ou seja, se discute o que se deseja discutir no momento em que o desejo ocorre. O desejo é o construtor do caminho trilhado pelo grupo, e como força criadora que é, faz com que grupos diferentes trilhem caminhos diferentes.

A possibilidade desses diversos caminhos é um dos elementos que denuncia a escolarização como um processo que mata a criatividade, que não permite a construção coletiva do conhecimento. Outro elemento importante é a necessidade intrínseca das coisas de serem compreendidas na relação que possuem umas com as outras. Ao listar tópicos para serem ensinados de maneira lógica - uma determinada lógica- segundo uma racionalidade estranha a qualquer processo real de produção do que quer que seja, a escola esvazia o sentido do saber, ordenando no tempo e no espaço informações, conceitos, fragmentos e não possibilitando momentos da experiência humana, aqueles relacionados ao desejo de saber fazer, gerador das coisas: a curiosidade e o prazer.

218 • Ademilde Silveira Sartori

Em uma oficina, os saberes não são hierarquizados, nem as pessoas. Tudo é discutido por todos com a colaboração de quem a quiser dar no momento em que julgar adequado e da forma que lhe for conveniente. Assim, discute-se a poesia da imagem ou a acidez das substâncias, a toxicidade e problemas ambientais causados pelos dejetos químicos ou como armazenar negativos para que não estraguem. O sentido do que se faz não é dado por uma programação, mas pelo papel que joga na situação concreta. Como o grupo que participa da oficina é diferente a cada vez, questões diferentes são postas e formas diferentes de resolvê-las surgem a cada vez.

A trajetória retilínea da luz não muda de oficina para oficina, a busca por uma estética é a mesma nos diversos grupos, a produção de fotografias sempre ocorre pelo mesmo processo. O que muda são os valores dados às coisas, às dúvidas, os modos de busca de respostas, os modos de expressão, os interesses. Afinal, as pessoas são diferentes, têm histórias de vida diferentes e maneiras singulares de ser.

A vivência destas diferentes possibilidades afina a competência do oficinheiro, aquele que desenvolve uma oficina, pois sai acrescentado sempre que vivencia a oficina com algum grupo de pessoas. O acréscimo é ainda maior quando à oficina são acrescentadas contribuições de diversos oficinheiros. Hoje, no NAT, há várias pessoas que estudam sobre fotografia, que fazem fotografia e sentem o mesmo amor por este trabalho. Oficinar com fotografia gerou um trabalho tão extenso que abriga sob o título “Experiências com Luz” oficinas como “Entendendo o clic da máquina Fotográfica”, “As Cores da Sombra”, “Cor e Percepção” e “Passeio Pelas Imagens”, todas envolvendo a luz como o título sugere. E não pretendemos parar por aqui.

Referências bibliográficas

- AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papirus, 1993 (Coleção Ofício de Arte e Forma).
- BIRBAUM, Hubert C. *Existing-light Photography*. New York: Eastman Kodak Company, 1991. The Kodak workshop Series.
- DOEFFINGER, Derek. *The art of seeing*. New York: Eastman Kodak Company, 1992. The Kodak workshop Series.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. Campinas: Papirus, 1994.

- EASTMAN KODAK COMPANY. **Using filters.** New York: Silver Pixel Press, 1988. The Kodak workshop Series.
- FABRIS, Annateresa (org.). **Fotografia: uso e funções no século XIX.** São Paulo: EdUSP, 1991.
- FALK, David S. et al. **Seeing the light. Optics in nature, photography, color, vision, and holography.** New York: John Weley & Sons, 1985.
- HEDGECOE, J. & VAN DER MEER, Ron. **A câmera fotográfica em ação.** Cali, Colômbia. Trad. Lígia C. Siciliano. São Paulo: Edições Siciliano, 1988.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história.** São Paulo: Editora Ática, 1989.
- MASON, R. H. **Fotografia: aprende tú solo.** Madrid: Ediciones Pirâmide, 1990.
- MILLER, Ray. **Building a home darkroom.** New York: Eastman Kodak Company, 1981. The Kodak workshop Series.
- NOVAES, Aduino et al. **O olhar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- PASTOUREAU, Michel. **Dicionário das cores do nosso tempo.** Simbólica e sociedade. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- PILOTTO NETO, Egídio. **Cor e iluminação nos ambientes de trabalho.** São Paulo: Livraria Ciência e Tecnologia, 1980.
- TAYLOR, Martin L. **Advanced black - and- white photography.** New Hampshire: Silver Pixel Press, 1994. The Kodak workshop Series.
- VANOYE, Francis. **Ensaio sobre a análise filmica.** Campinas: Papirus, 1994 (Coleção Ofício e forma).